

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

14 de Fevereiro de 2022

ALLAN DWAN (Parte III)

### FIFTY-FIFTY / 1916

*Um filme de Allan Dwan*

*Argumento:* Allan Dwan e Robert Shirley / *Imagem (35 mm, preto & branco), cenários, figurinos e montagem:* não identificados no genérico / *Interpretação:* Norma Talmadge (*Naomi Harmon*), J. W. Johnston (*Frederic Harmon*), Marie Chambers (*Helen Crew*), Ruth Darling (*Louise O'Malley*), H. S. Northup (*o antigo detento*), Frank Curtier (*o juiz*), Dodson Mitchell (*o detetive*).  
*Produção:* David W. Griffith para a Fine Arts Film Company; distribuição pela Triangle / *Cópia:* 35 mm, com tintagens, intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 53 minutos a 16 imagens por segundo / *Estreia mundial:* 22 de Outubro de 1916 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

### MR. FIX IT / 1918

*Um filme de Allan Dwan*

*Argumento:* Allan Dwan e Joseph Henabery, a partir de uma história de Ernest Butterworth / *Imagem (35 mm, preto & branco):* Hugh McLung / *Cenários, figurinos e montagem:* não identificados no genérico / *Interpretação:* Douglas Fairbanks (*Dick Remington*), Wanda Hawley (*Mary McCullough*), Marjorie Daw (*Marjorie Threadwell*), Frank Campeau (*Henry Burroughs*), Katharine McDonald (*Georgiana Burroughs*), Leslie Stewart (*Reginald Burroughs*), Ida Waterman (*Agatha Burroughs*), Alice H. Smith (*Priscilla Burroughs*) e outros.  
*Produção:* Famous Players Lasky; distribuição pela Paramount / *Cópia:* da George Eastman House (Rochester), 35 mm, com intertítulos em italiano e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 60 minutos a 19 imagens por segundo / *Estreia mundial:* Nova Iorque (Paramount Theatre), 15 de Abril de 1918 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

#### Música ao vivo por DANIEL SHVETZ

\*\*\*\*\*

A reunião destes dois filmes separados por um intervalo de dois anos, durante os quais Allan Dwan realizou quatro outras longas-metragens e algumas curtas, resulta num duplo programa que ilustra menos a evolução e o trabalho de Allan Dwan como realizador do que algumas tendências da produção americana num momento específico da História do cinema, aquele que precede o apogeu artístico da *arte muda*, que teria lugar nos anos 20. **Fifty-fifty** é um filme construído à volta do seu argumento, ao passo que **Mr. Fix It** é construído à volta da sua vedeta. Por isto, o resultado é certamente mais interessante no primeiro, embora seja seguro que os dois filmes estariam seriam dificilmente ressuscitados se não beneficiassem da aura que emana do nome de Allan Dwan.

Do ponto de vista da *mise-en-scène* e do prazer de ver, o melhor momento de **Fifty-fifty** é sem dúvida o plano de abertura, um grande plano do rosto da protagonista, antes dela se pôr em movimento e a câmara descortinar o resto do cenário. Mas não há fetichismo cinéfilo sobre a beleza de um plano que resgate a totalidade de um filme. **Fifty-fifty**, que começa por dar a impressão de ser um filme sobre a *guerra dos sexos*, com o indispensável tom de desprendimento e cinismo que o tema exige (um intertítulo especifica que "*fifty-fifty is the rule of bohemia*", frase que parece supor que a mulher deve gozar da mesma liberdade sexual que o homem), acaba por se transformar num drama moralista sobre a conjugalidade. O protagonista, apresentado por um intertítulo

como “*um solitário homem de negócios*” é desleixado pela mulher depois desta se tornar mãe e cai nas redes de uma aventureira “*incorrigível*” com um passado tão duvidoso que levou outro homem à cadeia. Em vez de um quarteto em que cada um dos membros de um casal “legítimo” tem o seu parceiro extra-conjugal de coração e de cama, ficamos reduzidos ao eterno cliché do homem volátil, da esposa vítima e da amante perversa. É mais do que provável que alguns trechos do filme se tenham perdido, a julgar pela frustrante brevidade de uma dança dos sete véus numa festa, mas esta não deve ser a única razão do aspecto hesitante e indeciso da narrativa, do modo abrupto com que passamos da semi-comédia amoral ao melodrama moralista, com soluções visuais pouco marcantes. Os intertítulos, como não é raro, não se limitam a dar informações, também dão explicações, de modo a orientar o espectador, sem lhe deixar margem de escolha.

Se **Fifty-fifty** é uma narrativa de conjunto, em que todos os elementos e todos os atores se equilibram, **Mr. Fix It** é um filme de vedeta, pois esta era a posição de Douglas Fairbanks em 1918, embora o auge da sua carreira como produtor e vedeta viesse a ocorrer nos anos 20, em papéis de Zorro, Robin dos Bosques, d’Artagnan, pirata e ladrão de Bagdad – personagens célebres aos quais ele emprestava a sua figura e não personagens criados de raiz para ele. Mas em 1918, o ano do filme que vamos ver, Fairbanks não era apenas um ator conhecido, já era um *player* em Hollywood, pois fundara dois anos antes a sua própria companhia de produção e em breve se associaria a Mary Pickford, Charles Chaplin e David Griffith para fundar a United Artists. Embora nunca tenha pertencido à grande escola do cinema burlesco americano, Fairbanks tinha, como tantos atores desta escola, grande agilidade física e alguns dotes acrobáticos, que punha em relevo nos seus filmes, embora por vezes fora de propósito, como é o caso mais de uma vez neste filme. Em **Mr. Fix It**, estas aptidões não estão inteiramente fora de propósito, na medida em que o filme é um precoce exemplar de um clássico tema secundário e populista da comédia americana: a irrupção de pessoas pobres e simples num meio social abastado e cheio de regras, que são permanentemente violadas pelos intrusos, em parte por ingenuidade, em parte de modo deliberado. A este tema algo simplório e de resultados geralmente pedestres, junta-se neste filme outro tema que permite desenvolvimentos muito mais elaborados: a substituição de uma pessoa por outra, o tema do quiproquó, a alteração da ordem antes que tudo volte a ser (quase) como antes. No entanto, em **Mr. Fix It** este aspecto da trama narrativa tem muito menos importância do que a simples invasão de uma mansão por um bando de crianças pobres, o que acarreta uma bastante modesta subversão da ordem. As possibilidades do argumento são um tanto malbaratadas, o filme fica certamente aquém das suas possibilidades.

É verdade que é muito pouco provável que qualquer das pessoas envolvidas em **Fifty-fifty** e **Mr. Fix It** tenha imaginado que um século depois de terem sido realizados estes filmes seriam apresentados num museu do cinema. Por outro lado, se excetuarmos o inferno do mundo académico, só numa cinemateca ou num festival especializado é possível ver hoje em dia este tipo de objetos cinematográficos, que são modestas curiosidades, pequenos bibelôs perdidos no interior do vasto edifício do cinema mudo americano.

Antonio Rodrigues